



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

### O ENSINO DE FILOSOFIA NA MEMÓRIA DE EDUCADORES DE VITÓRIA DA CONQUISTA - BA.

Denise Santana Maia<sup>18</sup>  
(UESB)

Cláudio Eduardo Félix dos Santos<sup>19</sup>  
(UESB)

#### RESUMO

A presente pesquisa se compõe de um estudo acerca da Memória construída pelos educadores do Município de Vitória da Conquista – BA, acerca do ensino de Filosofia. Primeiramente, o interesse por esse objeto de estudo se justifica pelos dilemas políticos e sociais que afetam o sistema de ensino brasileiro, que dão causa as irregularidades encontradas nas escolas públicas, estaduais ou municipais, de todo o país. As incoerências não se atêm apenas ao setor público, visto que a proposta está em compreender também as metodologias aplicadas e o nível de destaque que tem se atribuído à Filosofia nas escolas. Em certo momento histórico, o caráter crítico da Filosofia tornou-se um instrumento perigoso na manutenção de algumas ideologias políticas que se desenvolveram no Brasil. Esse fato, tem muito a dizer sobre o papel social exercido pelo conhecimento filosófico na vida de professores e alunos. Para o desenvolvimento dessa investigação, faz-se necessário a análise de autores que atuam nesse campo, investigando e verificando os conceitos e definições mais relevantes para que este não seja um estudo incoerente ou mesmo insuficiente, na satisfação de questões que se desenvolvem em torno do ensino de Filosofia no Brasil. Do mesmo modo, partindo de um conceito tão amplo quanto o que se tem sobre a “memória” (coletiva e individual), é preciso coletar os principais autores que pesquisam nesta área e quais liames é possível desenhar a respeito do ensino de Filosofia.

---

18

<sup>19</sup> Bacharel em Direito pela Faculdade Independente do Nordeste – FAINOR. Licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade. Componente do Grupo de Pesquisa Estudos Histórico-críticos em Educação (GPEHCE –UESB), sob orientação do Prof. Dr. Cláudio Eduardo Félix dos Santos. E-mail: ise.direito@gmail.com.

\*Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor adjunto na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), leciona nas licenciaturas e no Programa de Pós-Graduação em Memória: linguagem e sociedade. Pesquisador do Museu Pedagógico: Grupo de Pesquisa Estudos Histórico-Críticos em Educação (GPEHCE-UESB) e do Grupo de Estudos Marxistas em Educação (UNESP). E-mail: cefelix2@gmail.com.br



**PALAVRAS-CHAVES:**Educação; Ensino de Filosofia; Memória coletiva.

## INTRODUÇÃO

O ato de educar é, inegavelmente, o instrumento mais rico na formação do homem, seja quando nos referimos à educação formal e institucionalizada (escolar), ou quando o assunto é a educação no âmbito da família. Naturalmente, o fundamento desta ideia está no princípio de que educar é mais que um processo, é uma necessidade humana.

Desta maneira, atribui-se uma grande responsabilidade à escola no desenvolvimento moral e intelectual de jovens e crianças, o que torna a tarefa dos professores e educadores ainda mais complexa. A escola será o espaço no qual a criança dá continuidade ao processo de construção de sua identidade, processo este, que se inicia, naturalmente, dentro da família.

É, especialmente na escola que iniciamos nosso primeiro contato com a diversidade, a universalidade do conhecimento e com o outro, onde compartilhamos experiências e interesses, o que, posteriormente, determinará (positivamente ou não) certos caracteres de nossa personalidade. Portanto, a escola não poderá constituir-se apenas de uma educação institucionalizada e técnica, dela requer a prática de um princípio de humanidade e de consciência dos diferentes níveis e etapas do aprendizado.

Tendo em vista toda a responsabilidade que a escola representa na formação de jovens e crianças, é que se tem feito uma série de reflexões acerca do atual sistema educacional. O que, por sua vez, têm rendido uma série de críticas sobre todos os agentes e elementos que compõe o processo educativo. Uma delas, está na atuação do professor e, conseqüentemente, a composição do plano de curso que este está obrigado a cumprir.



Essas reflexões não têm ocorrido de modo distinto quando o assunto é o ensino de Filosofia no Brasil. Sabemos que, em determinados contextos históricos, seu ensino foi restringido e até proibido. Em certos momentos da história, o caráter crítico da Filosofia tornou-se um instrumento perigoso na manutenção de algumas ideologias políticas e sociais que se desenvolveram no Brasil. Esse fato, aparentemente distante da discussão que proponho aqui, na verdade, é um dos maiores motivos que fundamenta o objeto de estudo dessa pesquisa.

Desse modo questionamos: de que maneira o retorno da Filosofia na Educação Básica fora recepcionado por professores, diretores e demais profissionais? Que significado político e histórico este fenômeno nos traz? O retorno da Filosofia nos currículos escolares seria reflexo do nascimento de uma nova maneira de pensar sobre a educação? Que registro esses fenômenos fizeram em nossa memória?

### **ENSINO DE FILOSOFIA: SUJEITOS E ELEMENTOS QUE FUNDAMENTAM A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA.**

O desenvolvimento da presente pesquisa contará com a análise de autores que atuam nesse campo de estudo, investigando e verificando os conceitos e definições mais relevantes. Serão realizadas visitas previamente agendadas em escolas públicas e privadas do Município de Vitória da Conquista - BA, ocasião na qual se aplicarão questionários e entrevistas com professores de Filosofia e demais profissionais.

A aplicação dos questionários contará com a participação dos professores, independente da sua área de formação, visto que o objetivo está em compreender a construção histórica e crítica em torno do ensino de Filosofia, ou seja, a sua prática, o modo em que é operada nas salas de aula. Essa observação se justifica pelo conhecimento comum de que muitos professores que lecionam a disciplina não possuem graduação específica em Filosofia.

A produção dos questionários não se aterá apenas à investigação da realidade profissional e cultural de professores e diretores, mas também estarão voltados aos estudantes, visto que eles não deixam de ser grandes avaliadores quanto à qualidade e



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

importância do ensino de Filosofia no Município. A análise do comportamento desse grupo demonstrará a relevância social que os estudantes têm atribuído a disciplina, bem como apontará quais equívocos têm sido praticados nas escolas no que diz respeito ao seu ideal desenvolvimento.

Essa investigação não deixa de relacionar-se com os dilemas políticos e sociais que afetam o sistema de ensino brasileiro, que, por sua vez, anualmente denuncia as carências e precariedades da educação no Brasil. Os jornais regionais acompanham as greves e manifestações nas escolas estaduais e municipais, e nacionalmente, obtemos conhecimento de atos de corrupção que tem dado causa à falta de recursos públicos e fechamento de escolas.

O que se observa, é que no Brasil a educação não é tida como atividade essencial, e isso não se dá apenas no ensino de Filosofia, trata-se de uma crise generalizada. Isso tem nos deixado ansiosos por mudanças culturais, e essencialmente políticas. Estamos diante da urgência em se pensar de um novo modo o processo educativo.

Sendo assim, é válido o entendimento de que a educação em nosso país não é nada menos que o resultado de um complexo de comportamentos e tendências culturais, sociais e políticas que há muito tempo têm fundamentado nossas práticas, e conduzido as prioridades do país.

Sobre o assunto, o educador Paulo Freire traz uma abordagem interessante e humana acerca desses fatores que influenciam nossas ações sem sociedade. Ele enfatiza a existência de uma ética de consumo que tem sabotado do homem seu direito natural de exercer sua natureza epistemológica, explicando que atualmente vivemos sob o constante freio do capitalismo. Sendo assim, para o autor, a educação tem perdido seu posto de formação dos princípios éticos no homem, empreendendo-se apenas a satisfação do sistema (STRECK, REDIN, & ZITKOSKI, 2010).

De certo modo, o retorno da Filosofia aos currículos escolares seria uma espécie de empreendimento empregando força contra essa supervalorização das tecnologias e da ética de consumo, referida por Paulo Freire. As relações humanas têm se tornado cada vez mais superficiais e frágeis, o que nos leva a reafirmar a ética capitalista. Mas,



isso não nos impede de superá-la, e de nos reeducarmos não mais sob uma postura determinista da realidade, mas uma conduta transformadora. Por mais incessante que seja o determinismo no qual vivemos, o homem é capaz de conhecer e transformar sua realidade em seu próprio benefício. Na “Pedagogia da Autonomia”, Freire (1996, p.30, grifos do autor) afirma:

Constatando, nos tornamos capazes de *intervir* na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. É por isso também que não me parece possível nem aceitável a posição ingênua ou, pior, astutamente neutra de quem *estuda*, seja o físico, o biólogo, o sociólogo, o matemático, ou o pensador da educação. Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos *constatando* apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a *inserção*, que implica *decisão, escolha, intervenção* na realidade. Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de *estudar por estudar*.

Enfim, a Filosofia e demais ciências não requerem neutralidade, ao contrário, almejam que todos estejam conscientes sobre seu papel, e que faça dele uma utilidade para a transformação. O conhecimento não será verdadeiramente rico, se não for praticado e vivenciado. Dessa maneira, não é possível pensarmos em uma neutralidade nas escolas, visto que nelas temos outro espaço de produção e organização do conhecimento. A Filosofia vem para reafirmar o sentido do ato de educar, pondo este como um veículo de transformação e não mais de reprodução de determinadas ideologias.

### **AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE FILOSOFIA: O QUE ESPERAR DO EDUCADOR?**

Sem sombra de dúvidas, o pensamento de *Freire* contribui ao entendimento em favor da possibilidade de reformulação da dinâmica escolar e social. Há aqueles que entendem a educação como um fenômeno conduzido por questões muito mais objetivas



que estas apontadas por *Freire*. Dentre eles, está *Pierre Félix Bourdieu*, um filósofo francês que defendeu a teoria de que o ambiente escolar era um grande reprodutor das desigualdades sociais, e não um instrumento de ascensão social do indivíduo, como considerara *Freire*.

Na perspectiva de Bourdieu, Nogueira & Nogueira (2002, p. 17-18, grifos nossos) lembra:

A educação, na teoria de Bourdieu, perde o papel que lhe fora atribuído de instância transformadora e democratizadora das sociedades e passa a ser vista como **uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais**. Trata-se, portanto, de uma inversão total de perspectiva. Bourdieu oferece um novo quadro teórico para a análise da educação, dentro do qual os dados estatísticos acumulados a partir dos anos 50 e a crise de confiança no sistema de ensino vivenciada nos anos 60 ganham uma nova interpretação.

Para o filósofo francês, a escola se torna o reflexo e a expressão de determinadas classes sociais e ideologias, compondo-se aí em um grande multiculturalismo. Bourdieu entende que o capital cultural e econômico dos estudantes são elementos determinantes para o desempenho escolar.

Os diferentes contornos e experiências que se produzem na escola, lhe dão outros sentidos e funcionalidades. Observamos que as relações de poder pré-estabelecidas em certo tempo, entre pais, alunos, professores e diretores, vão se desmembrando, se perdendo, e sendo substituídas por outras. O papel do professor e a responsabilidade que permeia seu trabalho torna-se algo extremamente discutível.

A prática docente se realiza com a intervenção e a presença de uma multiplicidade de sujeitos, que possuem interesses ora comuns, ora contrários entre si. A sala é um espaço de conflito e de produção, de crescimento e de desafio. Sobre isso, Teixeira (2007, p.430) comenta que:

Trata-se, ainda, de uma relação entre sujeitos sócio-culturais, imersos em distintos universos de historicidade e cultura, implicados em enredos individuais e coletivos. E trata-se, sobretudo, de sujeitos cuja



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

condição de existência, cuja origem primeira está na corporeidade que se inscreve, por sua vez, nas temporalidades do transcurso da existência humana, em rítmicas da vida bio-psico-social e nos ciclos vitais. Desse modo, docentes e discentes localizam-se, geralmente, em diferentes gerações humanas.

Desta maneira, diante da real presença de um multiculturalismo, entendemos o quão complexo é o ato de ensinar, e a utilidade que o ensino de Filosofia traz não apenas pelo seu conhecimento teórico, mas seu poder de nos fazer pensar as práticas docentes, sociais e nosso modo de conceder e vivenciar a educação.

Sobre o assunto, Santos (2013, p. 46-47) lembra que:

O processo de ensino, guiado por conteúdos essenciais à humanização dos sujeitos, terá como resultado a aprendizagem significativa, verdadeiramente emancipadora, porque possibilitadora da apropriação, por cada ser humano, das objetivações do conjunto humano.

O ensino de Filosofia permite a formação de sujeitos mais conscientes e críticos, acerca de si mesmo e de sua realidade. Assim, esse campo do conhecimento tem muito a contribuir, não apenas pelo seu conteúdo ou valor teórico, mas pela habilidade de pensar e refletir sobre os objetos que se pretende estudar.

### CONCLUSÕES

Tendo em vista as concepções dos autores abordados na primeira etapa desta pesquisa, observa-se o quão complexa é a questão, e a necessidade de ser trabalhada em todos os espaços em que a formação humana se dê como principal objetivo. A memória, conceitualmente, é uma definição que se envolve com tantas outras, dentre elas, o conceito de cultura. Assim, para a fundamentação deste trabalho, tão importante quanto abordar professores e alunos, está o exercício de desmembrar esses conceitos, sem que eles se tornem vagos em uma pesquisa tão relevante.

O ensino de Filosofia se desenvolve sob uma estrutura não apenas didática ou metodológica, visto que estamos lidando com uma espécie de conhecimento que diz



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

respeito à consciência humana e sua prática, o exercício da razão e da pesquisa e da busca por uma autonomia no desenvolvimento de ideias e na aplicação destas no ambiente escolar e os demais espaços sociais.

Para tanto, contatemos com o apoio de Freire e demais estudiosos e pesquisadores da Educação, para se pensar em métodos que melhor correspondem com o verdadeiro sentido da Filosofia e de sua prática, o que, de certo modo, compõe a memória construída em torno de seu desenvolvimento no Brasil.

### REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: Limites e contribuições. In: **Revista Educação & Sociedade**, ano 23, n.º 78, 2002.
- SANTOS, Cláudio Félix dos. (Org). **Crítica ao esvaziamento da Educação escolar**. Salvador: Eduneb, 2013.
- STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. . 2. ed. rev. e ampliada.
- TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Da condição docente: primeiras aproximações teóricas. In: **Educação e Sociedade**. vol. 28, n. 99, p. 426-443, maio/ago. Campinas, 2007